

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

UM PRESEPIO

Construção

dobrar e colar ao telhado

*para armar
colar*

BÔAS FESTAS

A todos os seus muitos leitoresinhos,
o «Pim Pam Pum» deseja bôas festas,
sejam crianças ricas ou modestas,
pois a todas dispensa iguais carinhos.

Mas é principalmente para estas,
para os nossos leitores pobrezinhos
o Presépio que vêdes, amiguinhos,
e ireis armar com mãos ágeis e lestras.

RECORTAR e colar em cartolina espessa. O estábulo deve ser dobrado para a frente, e colado a fachada inserta na 1.ª página. O telhado, depois, de haver sido dobrado pelo meio, será colado ao edifício, de modo a ficar um pouco saliente. O Menino Jesus será colocado na parte central, para lá do limiar da entrada. Nossa Senhora à esquerda e S. José à direita, separados de maneira a que se vejam o boi e a mula. A estrêla deve prender-se por cima do arco. O cão e a ovelhinha deverão ser colocados onde melhor convenha à boa disposição do conjunto.

ENTREVISTA COM O ANÃO SABICHÃO

POR VIRGINIA LOPÊS DE MENDONÇA

UMA destas manhãs, quando acordei, julguei ainda estar sonhando, ao dar com os olhos numa caixa de setim côr de rosa, em cima do meu toucador

Era tal qual a mesma que me aparecera há pouco mais ou menos um ano no mesmo sitio.

Lembram-se os meus meninos, aquela que trazia dentro o célebre Anão Sabichão, personagem que vocês, agora, tão bem conhecem e de quem tanto gostam?

Cheia de curiosidade, ergui-me da cama e vim certificar-me do caso

Efectivamente era ela, sem tirar nem pôr!

Mas agora já não me metia tanto espanto, nem vinha envolvida em tanto mistério!

Ao barulho dos meus passos a tampa abriu-se e, lá de dentro, deu um pinote o nosso amiguinho Anão.

Eu sorri muito divertida, nada intimidada com a aparição.

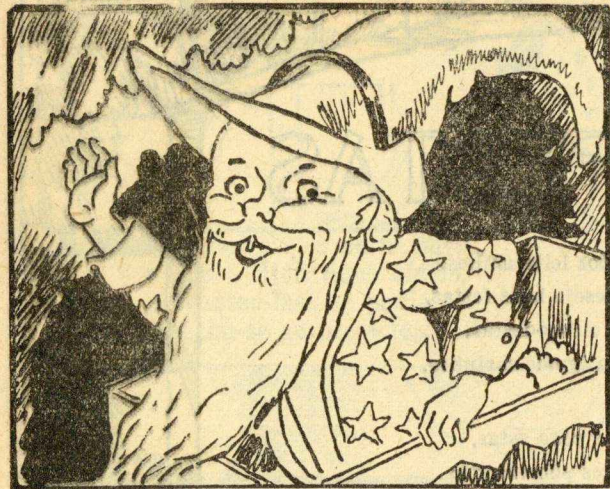
Vai êle tirou o barretinho e, ás mesuras, falou assim:

Um ano muito feliz
lhe deseja este petiz
que vem aqui procurá-la
p'ra lhe botar esta fala:
E' para lhe agradecer
e eu assim cumpro um dever,
o favor que me prestou,
pois juro, por quem eu sou,
que lhe estou muito obrigado,
por me ter assim deixado

vir tomar o seu lugar
na arte de escrevinhar.
Agora que sou tão qu'rido
— e tudo isto lhe é devido —
por toda a rapaziada,
com uma grande barretada,
em extremos de cortezia,
e muita galanteria,
o vosso amiguinho Anão
vem aqui beijar-lhe a mão!

Nos bicos dos pés o Anãozinho chegou a bocarra á minha mão e ali depôs um beijo de reconhecimento.

— Também eu gosto muito de tornar a vêr-te! — exclamou.



mei. — Acho-te ainda mais bem disposto que o ano passado! —

— Se lhe parece!... A minha vida agora é um contínuo prazer!

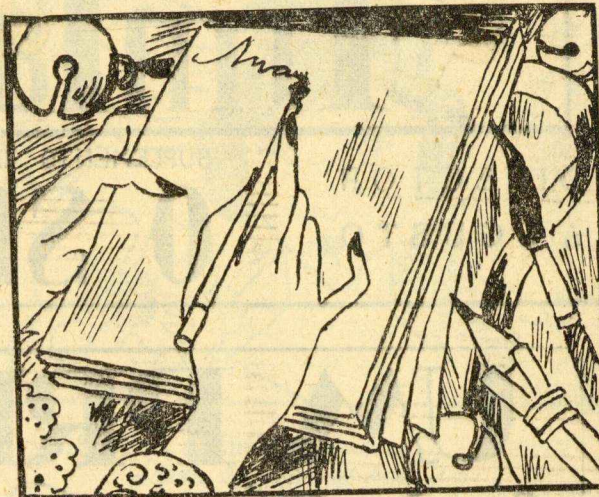
Há lá nada que mais me divirta e me distraia que tratar com os leitoresinhos do «Pim-Pam-Pum»! —

— Com que então tens-te dado lindamente, com os teus amiguinhos? —

— Tens razão em os chamar assim! São, rialmente, meus amiguinhos, a quem muito quero, pelo bem que me fazem e pelo bem que lhes faço a êles! —

— Eu tenho seguido, como calculas, com o maior interesse, os conselhos que lhes dás; agora, vejo bem pela tua satisfação, que tens conseguido o teu fim! Educá-los, emendá-los, diverti-los e torná-los, finalmente, uns meninos exemplares que dão honra ao seu mestre.

Porque tu és um mestre no assunto, amiguinho Anão! —



O Anãozinho tornou a desbarretar-se, fazendo-me um cumprimento agradecido

— Não é por me gabar, mas, na verdade, ando um bocado vaidoso, pela forma como me tenho saído da minha incumbência. — Ao dizer isto, estava impando de orgulho, o divertido Anão Sabichão.

Com o meu ar mais modesto, constatei:

— Tens dêdo para as histórias, tens. Visto isso, dou por bem empregado o sacrifício que fiz em te ceder o meu lugar. Porque também eu me fino por escrever para os pequeninos, mas como me vejo assim tão bem substituída!... —

— Lá isso!... — tornou o Anãozinho, cheio de vaidade. Não me parece que tivesse o jeito de lhe contar, — cá ao meu modo, — tanta historietta que os instrúe, os moralisa e, ainda por cima, os diverte imenso! E' a minha especialidade, como vê! A's Quintas-feiras os meninos de Portugal, com um grande alegrão, esperam a chegada do «Pim-Pam-Pum»! —

— Olha lá, também há no jornal uma senhora com ideias muito bonitas, muito engenhosas! Esta do Concurso Epistolar, de que se lembrou Graciette Branco, a grande amiguinha da pequenada, foi um achado. Não te parece? —

— Oh, se foi! Que lindas cartinhas ela tem recebido! Assim, se vão exercitando a redigir e a pensar, as afilhadas daquela talentosa madrinha e o jornal é que ganha com isso, porque cada vez se torna mais interessante! —

— E as lindíssimas fábulas de Laura Chaves! Que tal as achas, amigo Anão? —

— De ler e chorar por mais! — Belos versos inspirados, cheios de poesia, de imaginação e de graça! E que conceitos profundos ela encontra sempre! Confesso que me sinto ainda mais pequenino, todas as vezes que as leio! Aquilo é feito por uma senhora de tão grande altura, que mete num chinelo todos os Anõesinhos! —

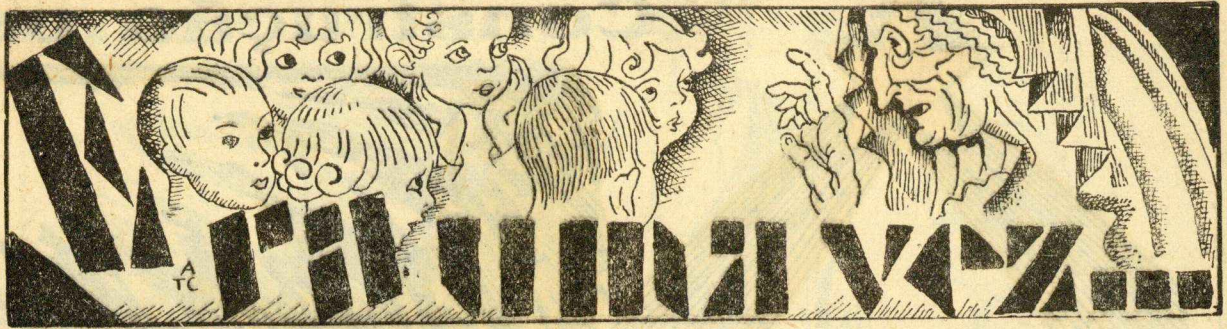
Agora o nosso amigo já não se mostrava nada vaidoso, isso sim! era ate cheio de modéstia que confessava, francamente, a sua inferioridade, ao pé dos talentos superiores que iam citando.

— E quando Augusto de Santa Rita — o ilustre director do jornal, — se lembra de escrever histórias de enredos tão interessantes, no seu estilo impecável, como os leitoresinhos do «Pim-Pam-Pum» não devem pular de contentes? —

— Os meninos portugueses são bem felizes! Tanta gente, e da melhor, se dedica ás suas peçoinhas! Veja aqui no jornal!

Ainda não falámos em Leonor de Campos que, com

(Continua na página 8)



O PRIMEIRO DENTINHO de JESUS

POR MARIA D'ALEM MAR

CAÍRA a Jesus o seu primeiro dentinho, e o Deus Menino apertava nas mãozinhas róseas o pequenino esmalte, esperando, ansioso, a hora de se deitar para confiá-lo ao travesseiro.

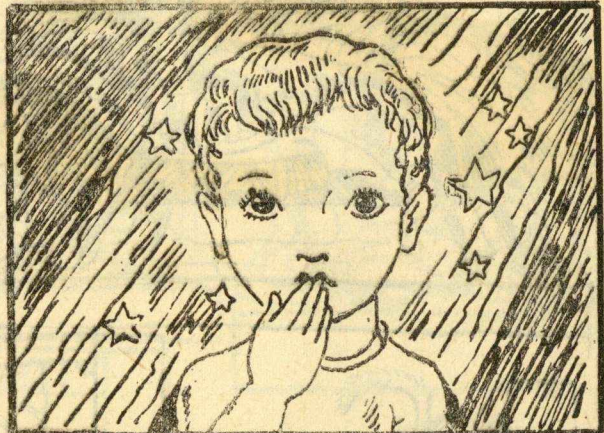
Dissera-lhe Santa Ana, a sua avózinha: — transformar-se-há em maravilhas o teu pequeno dentinho. Andava contente Jesus! E, por assim vê-lo, Nossa Senhora e Santa Ana contentes andavam também!

Para solenizar o acontecimento estava preparado para o dia seguinte um jantar, a todas as criancinhas pobres. Quizera assim Nossa Senhora alegrar o seu Jesus, com a alegria dos outros pequeninos.

Jesus, em companhia de S. João, cumpria a missão de que o encarregara Nossa Senhora, convidando todos os amiguinhos, quando reparou que duma miserável cabana prestes a derruir-se, se exalava lancinante e choro que, penetrando-lhe bem fundo na alma, o fez entrar, intintivamente, dentro da cabana em busca de quem assim sofria. Foi ali encontrar uma pobre mulher prostrada em frente duma esfarrapada enxerga; fazendo beicinho e reprimindo as lágrimas, indaga a causa daquele sofrimento.

A mísera ao vê-lo assim preocupado, beija-lhe as mãozinhas e diz: — Ai, meu menino faz hoje, precisamente, um ano que morreu o meu filhinho... Era assim pequenino e loiro como Vós! Cairá nesse dia o seu primeiro dentinho e ele guardava-o, com cuidado, atrás da almofada, onde descansava a febril cabecinha. Esse dentinho, meu filho, e esse caracol que eu cortara, da sua loira cabecinha, pendiam-me do peito num escapulario, como única recordação de quem fôra para mim tudo na vida.

Hoje, não regressar a casa, vi que a não trazia. Voltei



ao Templo, onde fôra fazer as minhas orações mas procurei debalde a minha sagrada reliquia.

Responde-lhe Jesus: — Não chores assim, eu vou procura-lo; se o encontrar aqui voltarei! — e espalhando-se-lhe no semblante uma viva comoção, saiu correndo e apertando nervosamente o seu primeiro dentinho, enquanto atraz d'ele, admirado, o pequeno João corria também.

Nossa Senhora e Santa Ana ao vê-los chegar assim, perguntam, aflitas, o que sucedera.

Jesus rompe num choro convulso e diz: — Perdi, Mãe-sinha o meu dentinho!

A avózinha, sorrindo, senta-o no colo e para o sossegar conta, a propósito, uma das muitas lindas histórias que sabia contar!...

Mais sereno Jesus mas de olhar triste ainda, pede á sua santa Mãe que lhe teça de luz um fio e um escapulario, para Ele ofertar a uma pobre mãe que perdera um filho pequenino.

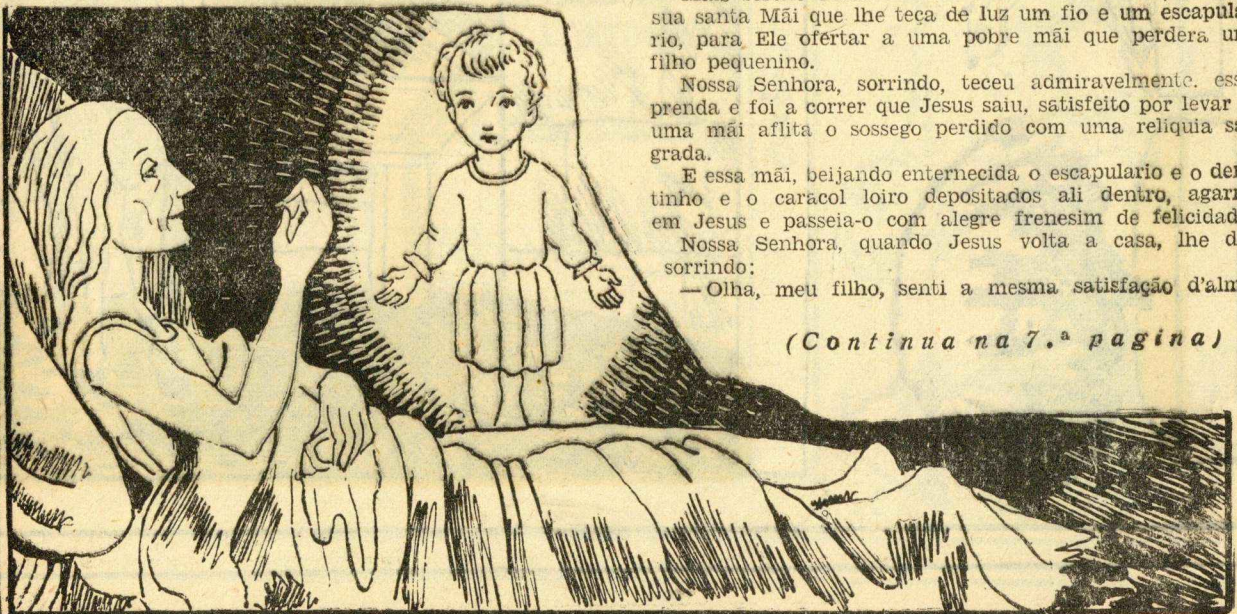
Nossa Senhora, sorrindo, teceu admiravelmente, essa prenda e foi a correr que Jesus saiu, satisfeito por levar a uma mãe aflita o sossego perdido com uma reliquia sagrada.

E essa mãe, beijando enternecida o escapulario e o dentinho e o caracol loiro depositados ali dentro, agarra em Jesus e passeia-o com alegre frenesim de felicidade.

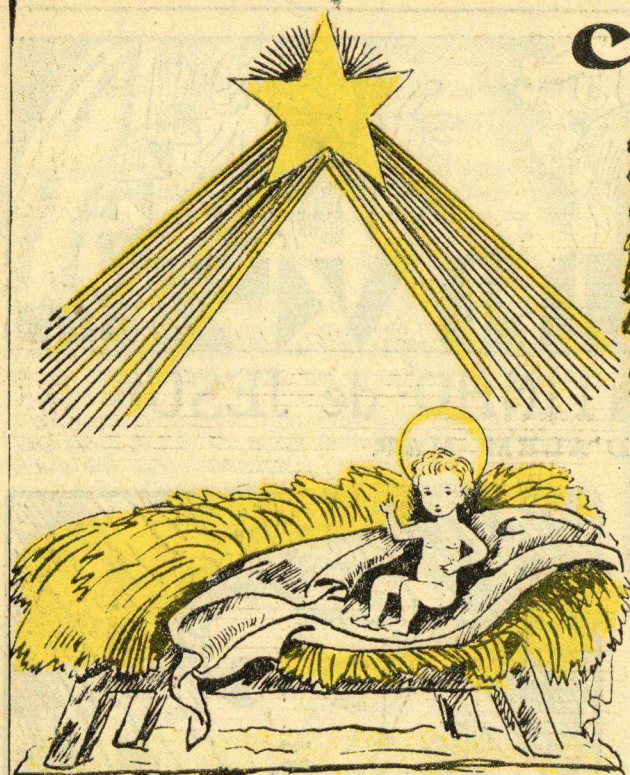
Nossa Senhora, quando Jesus volta a casa, lhe diz sorrindo:

— Olha, meu filho, senti a mesma satisfação d'alma

(Continua na 7.ª pagina)

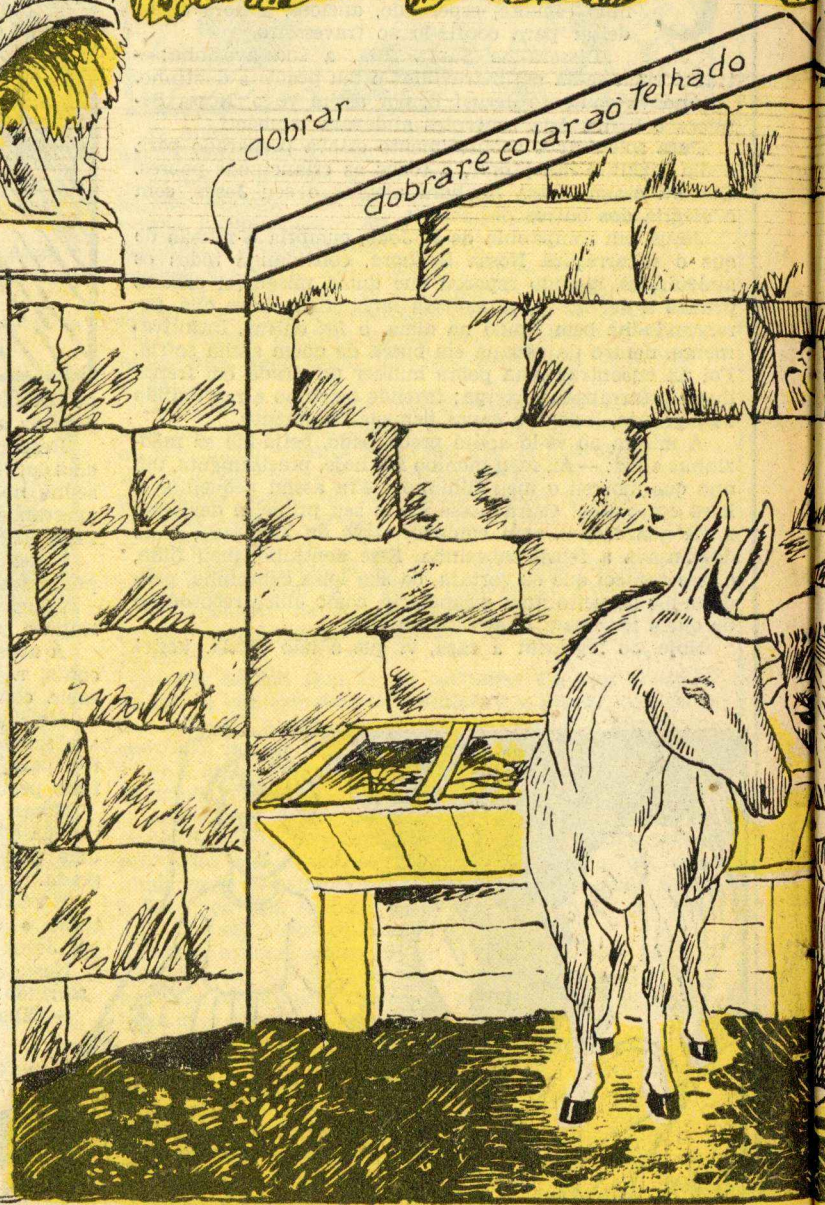
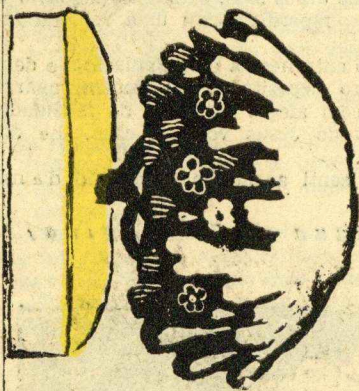
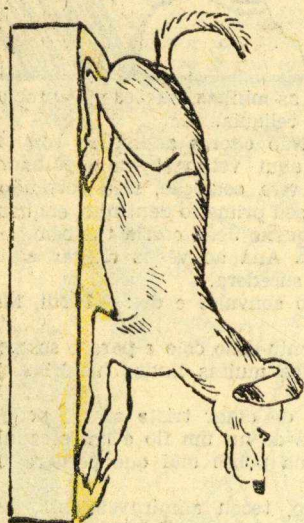


Construção para



dobrar

dobrar e colar ao telhado



armar

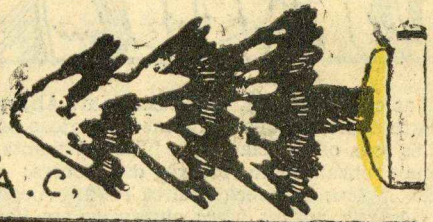
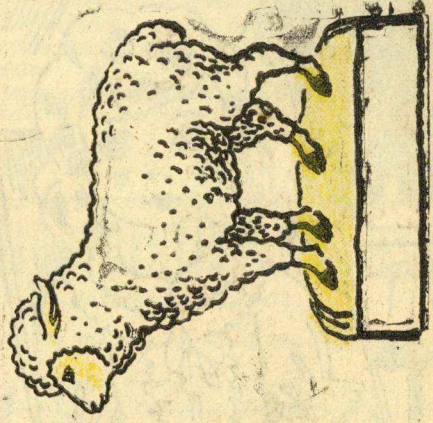
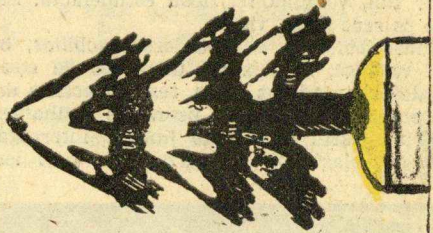
(Continuado da 1.^a página)



dobrar



dobrar e colar



A.C.

CONTO DO NATAL

A BONECA DOS OLHOS MISTERIOSOS

Por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

QUAL dos meninos, que vão ler esta pequena história, não parou, já, extasiado, diante de uma grande montra em vésperas de Natal, cheia de brinquedos engenhosos, uns, dourados outros, maravilhosos todos?

E qual não experimentou ainda, diante duma dessas luminosas montras, a sua sensação mais viva, o seu sonho mais alto.

E' que há montras, na verdade, fantásticas de belesa e de encanto, mais atraentes do que os próprios bazares orientais.

Pois, diante duma dessas montras, parou, uma noite, Aurélia, uma garotinha da rua, pouco menos de abandonada, a quem a mãe e o Destino nunca tinham mostrado tais maravilhas.

A pobresita sentiu, primeiro, uma grande alegria ao contemplar os ursos brancos dos polos, os leões das selvas africanas, os tigres das florestas indianas, os elefantes, os papagaios, as águias do Brasil e velhos Natais de longas barbas e maviosos sorrisos, dando a impressão de caminharem sob a neve.

Que curiosos e exóticos eram tais bichos!

Que encantadores eram tais velhinhos!

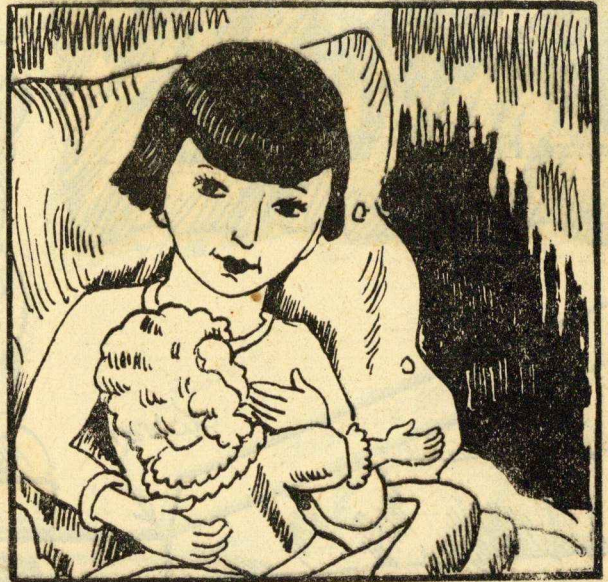
Depois concentrou a sua atenção na engenharia infantil: comboios, pontes, automoveis, carros, aviões. E interrogou-se!

— Serão como os grandes? Andarão? Correrão? Voarão?

Por fim, voltando-se, ficou estupefacta. Seria possível o que os seus olhos viam?

Lindas bonecas, encantadoras mobílias, bonitas casinhas, vestidos, sapatinhos, utensílios de cozinha, etc. E tudo de encantadoras cores, resplandecente de sedas lusi-dias, enfeites fantásticos, pedrarias brilhantes.

— Quem faria coisas tão lindas? interrogava-se. Donde viriam elas? De França? Dêsse país lendário para



Mas seria boneca a fingir, ou menina a valer?

Aurélia olhava-a examinava-a fixamente, procurando descobrir-lhe qualquer movimento: um sorriso mais largo, um movimento qualquer, um simples pestanejar daqueles olhos negros, lindos e misteriosos. E, ás vezes, parecia-lhe descobrir qualquer movimento, que os reflexos de luz, feéricos, davam e tiravam, iludiam e desiludiam, alternadamente, numa dúvida extasiante e torturante.

— E' de verdade! — balbuciava.

— Não; é a fingir! — emendava logo.

E, assim, durante longo tempo, durante muitas horas! Muita gente parava a vér a bela montra. Mas um minuto, dois minutos, cinco minutos chegavam para admirar a maravilha.

Ela, porém, a pobresita, que nunca tal vira, ficava-se sempre prêsa ao chão, encostada á vidraça, de olhos fixos naquela boneca fascinadora.

Chegou até a supór, a pobre criança, estar diante dum anjo, daqueles de quem ouvira falar muito vagamente a sua velha avó, que era póbresinha mas sabia histórias lindas.

Era já tarde, muito tarde, quando Aurélia tomou o caminho de casa.

Ía deslumbrada e triste.

A linda boneca, de cabelos loiros e olhos negros, misteriosos, vestida como princesa, não se lhe tirava do pensamento.

*
* *



todas as crianças? E quanto custariam? Ah! muito dinheiro, certamente, porque só as meninas ricas os possuíam...

E os seus olhos fixavam-se insistentemente num ponto, na mais encantadora boneca da montra: uma grande boneca inglesa de cabelos loiros e olhos negros, misteriosos, (bizarría poucas vezes observada em bonecas de tal origem), vestida que nem uma princesa rosada e sorridente que até parecia que lhe estava a querer falar, a convidá-la para brincar

Aurélia adoeceu, um dia, com uma enfermidade numa perna. A mãe levou-a ao médico duma consulta hospitalar, e êste mandou-a internar, imediatamente, no Hospital D. Estefania.

Aí trataram-na com todo o carinho, porque ela era bonita e meiga, qual flôr mimosa abandonada ao sópro rijo dos ventos, na negra montanha da Vida.

Mas a sua enfermidade era teimosa, teimosa. Outras rapariguinhas tinham entrado com igual doença e rápidamente se tinham curado. Algumas, mesmo, haviam en-

MAIS TRES RESPOSTAS DE CHIQUINHO

Por ANIBAL NAZARE

I

Na presença do Chiquinho, elogia, tôda a gente, o filho dum seu vizinho, rapazinho inteligente.

Diz o pai do tal menino: — «Meu filho, com oito mêses, tinha tanto, tanto tino, que eu pasmava, muitas vezes!»

Admirou muita gente, e fez um successo até; era tão inteligente, que andava pelo seu pé!»

Chico, ouvindo, com pesar, tais elogios, á tôa, eis se resolve a falar também da sua pessoa...

E disse: Pois eu cá tinha de inteligente tal fama, que, nessa idade, só queria andar ao colo da ama!

II

A mãe, pergunta ao Chiquinho, — mau aluno e bom rapaz: — : Quando fores crescidinho, que profissão seguirás?

Calou-se o Chico um bocado, pensou em empregos vários, e declarou ter optado: —... «Inventor de calendários».

— Calendários? — diz-lhe a mãe — Que extranha resolução! Não percebo muito bem, p'ra que queres tal profissão!

Então, Chiquinho explicou, com o aplauso da mana; — Era p'ra pôr três domingos dentro de cada semana!..

III

De vez em quando, o miúdo, com sua vózita fina, pede: — O' papá! Dá-me um escudo, p'ró velhinho ali da esquina?



E o papá dá. Logo a mãe, encantada com Chiquinho, dá, muitas vezes, também, uns tostões para o velhinho!

Mas a mamã, outro dia, interrogou o traquina: — Porque gostas tu, assim, do velhinho ali da esquina?

E êle explicou-lhe baixinho, e com as faces coradas: — E' porque aquele velhinho, vende castanhas assadas!..

trado muito depois dela e já lá não estavam. E a pobresita, sempre na mesma...

Era uma infeliz, diziam os médicos, e as enfermeiras repetiam contristadas.

A própria rebeldia da doença, porém, despertou a atenção dos médicos. Pois quê? Podia lá ser uma coisa daquelas? Nada. Ali havia qualquer outro mal a exercer a sua acção maléfica na pobre Aurélia. E observavam-na cuidadosamente.

*

Verificou que a pequenita sofria de grave doença moral, que tinha uma paixão devoradora em seu peito infantil, tão grande que, muitas vezes, a febre assaltava-a, e os sonhos altos, quasi delirantes, perturbavam-na.

Aurélia amava a linda bonequinha de cabelos loiros, olhos negros e misteriosos, rosada, sorridente, encantadora de verdade ou a fingir, não sabia bem, que vira uma noite no meio de uma montra fantástica de sedas, pedrarias, luzes, como se fôra um céu aberto.

A boneca da montra! Aquela menina maravilhosa! — eis a sua paixão, a sua doença cruel.

Pobresita! Pobresita! — exclamaram entre si médicos e enfermeiras.

E se obtivessemos uma boneca para ela? — alvitrou uma das enfermeiras.

O Natal estava próximo. Podia-se, portanto, aproveitar a ocasião para satisfazer o sonho de Aurélia, pedindo ao menino Jesus que lhe puzesse no sapatinho a linda boneca dos seus sonhos.

E todos, enfermeiras e médicos, pediram, em oração, ao Filho de Deus que satisfizesse tal desejo. E a boneca, a maravilha, o anjo, foi parar ás mãos de Aurélia na noite de Natal.

Os leitores pequeninos, que estão lendo esta veridica historia, sentem-se certamente radiantes por saberem que

a doentinha viu realizado o seu belo sonho. Mas desejam, também, certamente, saber o que fez Aurélia quando lhe deram a sua querida boneca?

Eu lhes digo:

Olhou-a duvidosa, primeiro Tocou-lhe com as mãos, receosa, depois E por fim, rindo e chorando, quasi desmaiou, ouvindo a linda boneca dizer: Papá — Mamã.

As grandes felicidades também causam crises graves. Passados poucos dias, Aurélia estava curada e saía do hospital abraçada e beijada por todos, levando, como o mais belo dos tesouros, a sua incomparável boneca.

Bela flôr perdida no turbilhão do Mundo!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O PRIMEIRO DENTINHO DE JESUS

(Continuação da pagina 3)

que sentiu a pobre mãe ao beijar o seu suposto escapulário.

E' que Nossa Senhora, vendo Jesus cortar da sua loira cabecinha um caracol e introduzi-lo no escapulário, percebera tudo.

No dia seguinte o Deus Menino mostrava aos seus pequenos amiguinhos o presente que lhe dera o travesseiro: — Um lindo brinquedo simbolizando o Mundo cravejado de estrélas, encimado por uma pequena cruz. Tivera-o em troca da piedosa mentira que colocara atraz do travesseiro, para substituir o seu pequenino e primeiro dentinho!..

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

A MAÇÃ

Por GRACIETTE BRANCO

Maria Helena andara tôda a manhã a saltitar em volta da mesa da casa de jantar, onde a fruteira, repleta de maçãs, tentava a sua boquita gulosa.

— «Mas o que queres tu daqui?» — pergunta-lhe a mãe...

— «...Ora...» dizia, entre dentes, envergonhada, a Maria Helena.

— «Ora, o quê?...» — insistia a mãe.

«Dize o que é, filha... Aposto que queres uma maçã... E' isso?!...»

Como resposta, a Maria Helena, saltou ao pescoço da Mãezinha, enchendo-lhe o rosto de beijos e dizendo muitas vezes que sim, com a airosa cabeça cheia de caracois.



Aquela maçã vermelha, fresca, sãdia era a atracção das garotas meninas dos seus olhos e toda a noite levava a sonhar, gulosamente com ela.

E agora, que a mãezinha adorada lha tinha dado, tão generosamente, Maria Helena mirava-a, ansiosa por lhe enterrar os dentes e, ao mesmo tempo, receiosa de profanar aquela beleza tão fresca, tão apetitosa, tão pura...

A mãe deixou-a ir brincar para a rua modesta e estreita, onde grupos de crianças, pobres como ela, colhiam sofregamente a réstea bemdita de sol que se esgueirava por entre os prédios humildes.

Mas uma pequenita esfarrapada, chegou-se junto de Maria Helena, deslumbrada pelas rosetas da maçã.

Nos olhinhos brilhava-lhe um fulgor estranho, que comovia Maria Helena...

— O que queres tu? Porque olhas para mim, dessa maneira?»

— «Vais comer essa maçã!... Deve ser tão boa! Nunca provei!»

— «Deve ser boa, deve» — respondeu Maria Helena, sentindo, sem saber porquê, a garganta apertada...

A pequenita continuava, sôfregamente, a olhar, exclamando por fim:

— «A minha mãe diz que eu sou doente. Se calhar morro sem provar nenhuma...»

O nó que Maria Helena sentira na garganta, desatou-se, subitamente, numa lágrima grossa, que lhe rolou no vestido.

— «Toma. A maçã é tua.»

E desatou a correr para que a pequenina não perdesse tempo a agradecer-lhe...

Quando a mãezinha teve conhecimento da linda acção praticada pela filha, deu-lhe, em vez duma, duas esplêndidas maçãs e, ficou, para sempre, abençoando tão simpática fruta, que lhe revelara os tesouros guardados no coração da filha.

ENTREVISTA COM O ANÃO SABICHÃO (Continuado da página 2)

tanta graça e vivacidade conta partidas de bicharia e de meninos endiabrados!

E todos os outros colaboradores, poetas e prosadores, e o engenhoso ilustrador que tão graciosamente faz tanta, tanta vez, a minha carantonha e uma data de desenhos interessantes que alindam as variadíssimas histórias que o «Pim-Pam-Pum» publica? —

— Se eu te disser, Anãosinho, que assim, tão tamanhona como sou, nunca me escapa nenhuma linha do teu jornal! —

— Calcula, então, se eu não hei-de perder a cabeça! Sou apapicado por toda a redacção, popular entre a criança, que me trata como um *Ai Jesus onde te porei!*

Em todas as festas do «Pim-Pam-Pum» dão-me tal importância que sou eu próprio que convido a petizada, para a elas assistir! Se eu era, em tempos, um Anão feliz, agora, considero-me um reisinho, no reino dos miudos e nada mais ambiciono na vida! —

Pulava, gesticulava, numa bebedeira de alegria contagiada, o bom Anão Sabichão, enquanto me dava parte da

felicidade que me devia, a mim, e a vocês todos pequeninos que tanto lhe querem.

— Vou dizer-te adeus! exclamou por fim. — Um Anão que têm a seu cargo, bisbilhotar, ensinar, escrever, emendar, muito saltar e muito bailar, é um entesinho tão ocupado que não pode dispôr de muito tempo, em cada uma das suas funções. Não achas que tenho razão, minha amiga? —

— Tens razão ás carradas, Anãosinho! Deste-me um grande prazer com a tua visita e fico bem contente por saber tão bem encaminhada a missão de que te incumbiste. Assim não tenho remorsos de a ter deixado entregue ao teu espírito inventivo, folgazão e sabedor! Até mais vêr, amiguinho! —

Com outro rasgado cumprimento, o Anão Sabichão desapareceu, subindo tão velozmente pela chaminé do fogão como se tivesse ásas de passarinho.

F I M

CONCURSO EPISTOLAR

Avisamos os pequenos concorrentes de que vai reunir-se, esta semana, a júri, constituído por GRACIETTE BRANCO e AUGUSTO DE SANTA-RITA, e de que na próxima semana publicaremos a respectiva nota com os nomes dos premiados e classificados.